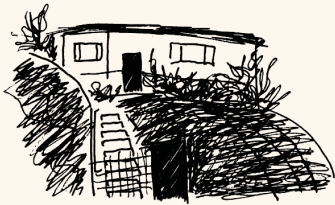


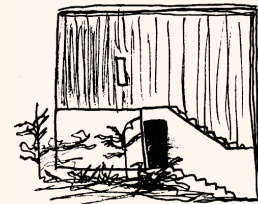
ANA CAROLINA GOUVÊA

VISITA

HISTÓRIAS BRASILEIRAS
ENTRE TETOS E AFETOS



TEREZA
ALTO DA CAÍERA



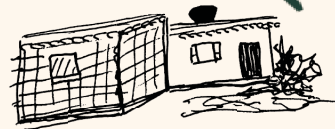
LUCAS
RIO TAVARES



SILVIA
RIO TAVARES



ACIZA E JACI
SANTO ANTÔNIO DE LISBOA



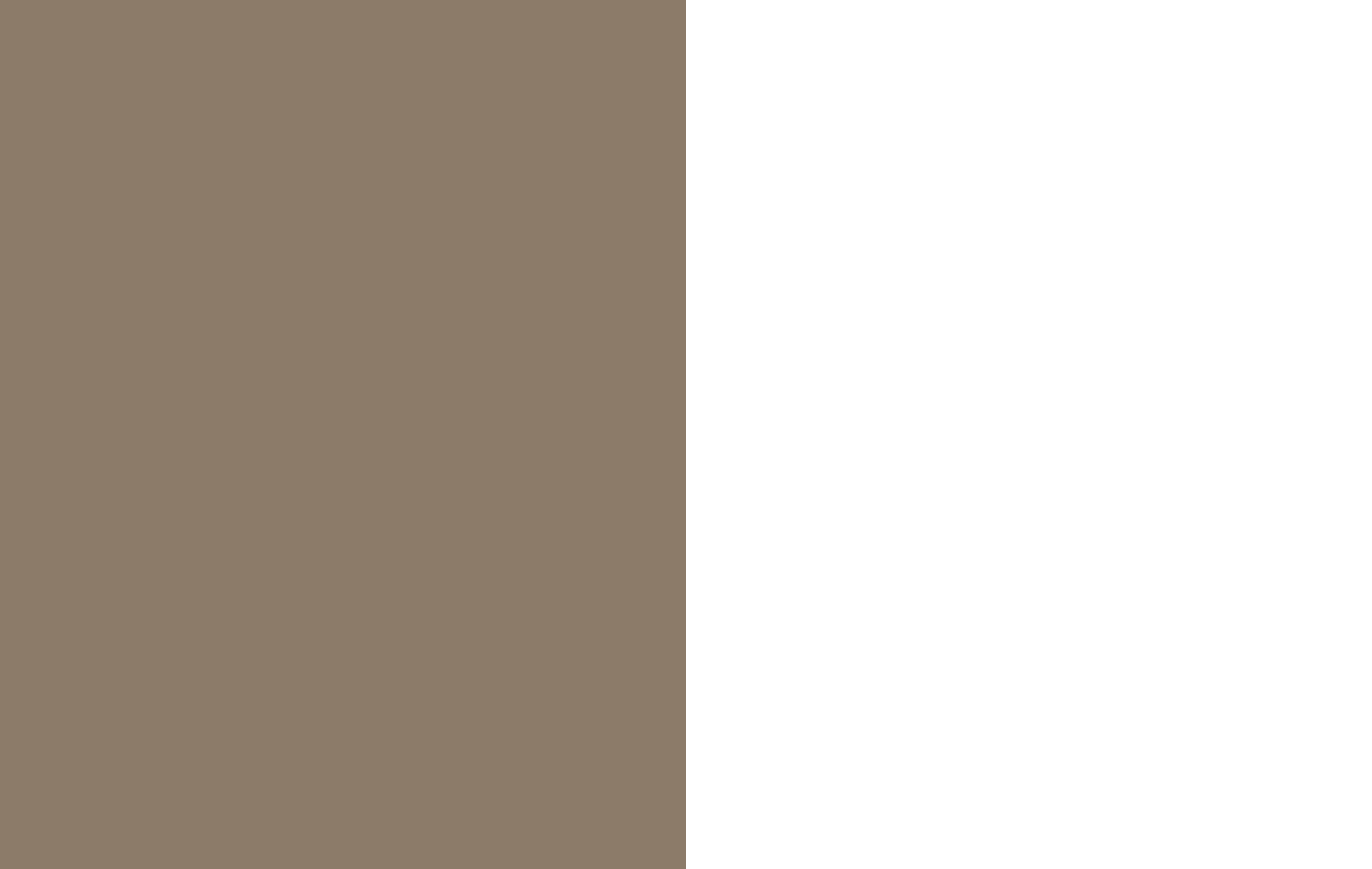
ISAURA
ALTO DA CAÍERA



LUCIANE E ROBSON
RIO VERMELHO



MARINA E JESSICA
PANTANAL



Dias, Ana Carolina Gouvêa

Visita : histórias brasileiras entre tetos e afetos /
Ana Carolina Gouvêa Dias ; orientador, Carlos Augusto
Locatelli, 2024.

102 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Jornalismo,
Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Livro-reportagem. 3. Lar. 4. Casa. 5.
Habitação. I. Locatelli, Carlos Augusto. II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Graduação em Jornalismo. III.
Título.

VISITA

histórias brasileiras entre tetos e afetos

Este é um Trabalho de Conclusão do Curso de
Graduação em Jornalismo da Universidade
Federal de Santa Catarina (UFSC) desenvolvido
pela acadêmica Ana Carolina Gouvêa Dias para
a Disciplina JOR 6803 - Trabalho de Conclusão
de Curso, professora Melina de la Barrera Ayres.
Orientador: Prof., Dr. Carlos Augusto Locatelli.



para minha família

VISITA histórias brasileiras entre tetos e afetos | Ana Carolina Gouvêa

Esse trabalho de caráter acadêmico foi criado, escrito, diagramado, ilustrado e editado pela acadêmica Ana Carolina Gouvêa Dias como Trabalho de Conclusão de Curso da Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no semestre 2024-1. A maior parte das fotografias deste livro foram feitas pelo fotógrafo Fernando Willadino. Orientador: Prof., Dr. Carlos Augusto Locatelli.



pode entrar

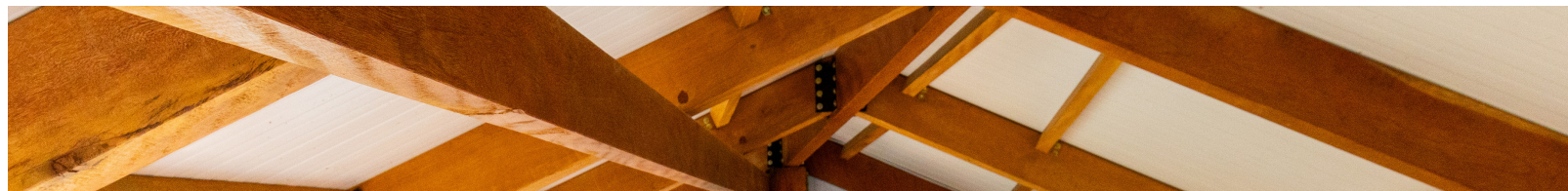
SUMÁRIO



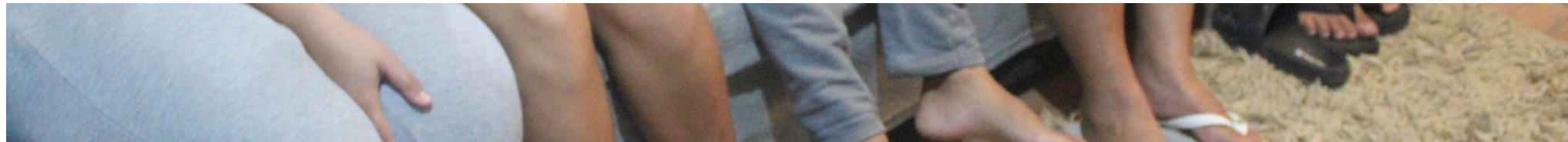
13
INTRODUÇÃO
O QUE É CASA PARA VOCE?



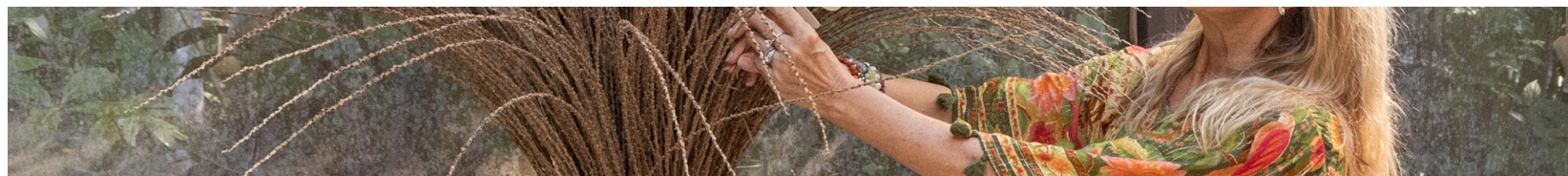
17
ENTORNO
19. CINCO DÉCADAS DE CONSTRUÇÃO
27. UMA CASA SÓ DE MULHERES
35. SEU LAR, SEU MORRO



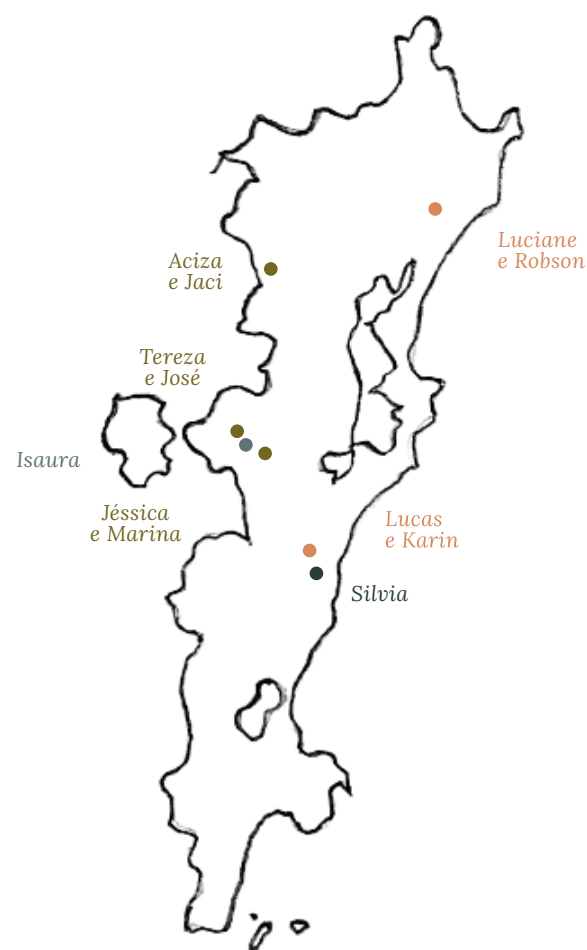
43
ESTRUTURA
45. UM PROJETO DE SEIS ANOS
53. UMA CASA PRÓPRIA, FEITA
COM AS PRÓPRIAS MÃOS



61
CULTURA
63. MÃE DE TRÊS GERAÇÕES



73
AFETIVA
75. BOSQUE DAS LIBÉLULAS



Cabanas, domus, castelos, villas, palazzos, são denominações históricas do espaço unifamiliar. São representativas da arquitetura mais elementar, mais próxima e utilizável pelo ser humano, considerada a sua real terceira pele, logo após a epiderme e a roupa que o protege do meio ambiente onde vive. Entretanto, haverá uma palavra que, independente das classes sociais, sintetizará toda noção de habitação privada: **a casa**.

(MIGUEL, 2002)

Introdução

O que é casa para você? Onde você se sente em casa? Quais memórias, conhecimentos e comportamentos te associam a este cenário? Qual seu apego a sua moradia, seu bairro, sua cidade?

A necessidade de ter um lar é talvez um dos únicos sentimentos que atravessa todas as classes sociais. E, por isso, representa um dos maiores sonhos, mas também um dos maiores desafios para os brasileiros. Segundo dados do IBGE, através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), em 2022, dos 74,1 milhões de domicílios no país, 47,3 milhões eram imóveis próprios e pagos. No período de 2016 a 2022, a quantidade de domicílios próprios quitados baixou, enquanto o percentual de domicílios alugados subiu. Em paralelo a isto, mais de 281,4 mil pessoas encontram-se em situação de rua, de acordo com um levantamento divulgado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) em dezembro de 2022.

Para o professor Jorge Marão Carnielo Miguel (2002), autor de “Casa e lar: a essência da arquitetura”, a casa, como estrutura construída, possui valor econômico e serve como abrigo e invólucro protetor, estando integrada ao seu entorno. Em contraste, o lar é a expressão da vida familiar dentro da casa, através de sentimentos e experiências.

A casa é um objeto de desejo, o local favorito de grande parte da população brasileira, cenário onde pessoas passam parcela significativa da vida e onde se concentram memórias, bens materiais e afetos.

O **entorno** desempenha um papel crucial na qualidade de vida e no bem-estar dos moradores. Uma vizinhança segura, com boas escolas, serviços de saúde acessíveis, áreas verdes e infraestrutura urbana de qualidade não apenas aumenta o conforto e a conveniência diária, mas também contribui significativamente para a valorização do imóvel e os acessos do indivíduo dentro da própria cidade. Pegar duas horas de ônibus na ida e na volta do trabalho, subir e descer o morro ou ter uma feira com produtos orgânicos disponíveis ao lado de casa certamente influenciam na maneira como uma pessoa habita seu habitáculo e o mundo.

A **estrutura** desse ambiente, ou seja, a força que ele suporta, proporciona estabilidade e resistência contra intempéries – como chuvas e ventos fortes – e outros eventos adversos. Uma boa construção permite uma distribuição eficiente dos espaços internos, promove funcionalidade, aproveitamento dos ambientes, proporciona o contato entre os moradores e o equilíbrio entre o espaço individual e coletivo. O formato físico e dinâmico de habitação se manifesta a partir das características do entorno e da **cultura** onde está inserida a casa.

O *Censo de Moradia QuintoAndar (2024) em parceria com o Datafolha demonstra que a “cara” da casa brasileira é composta por imóveis de dois dormitórios, cozinha, banheiro, sala de jantar, área externa ou quintal e área de serviço. O quarto é o cômodo favorito, mas não necessariamente o mais confortável. É comum a realização de obras e o básico é também o mais desejado pela população: lazer, segurança e economia.

O churrasquinho no domingo, famílias compostas por mãe solos, portões ao redor da casa, o hábito de receber visita e a cozinha como centro de reunião familiar são alguns exemplos comuns da cultura brasileira refletidos na organização das residências.

É, porém, a parte **afetiva** de combinação entre memórias,

*Pesquisa conduzida presencialmente com 3.186 pessoas com mais de 21 anos, abrangendo todas as regiões do país com margem de erro de dois pontos percentuais.

ritos pessoais, sonhos, dramas e rotinas diárias que tornam a casa um lar. O quatinho do bebê, os rabiscos na parede que registram as mudanças de altura da criança, a mesa herdada pela avó e as imagens em porta-retratos espalhadas pelos cômodos.

Os desejos e ambições ligados à residência revelam-se como componentes essenciais da identidade e satisfação pessoal. Ao longo das diferentes fases da vida, os hábitos adquiridos no espaço doméstico também desempenham um papel fundamental na moldagem das experiências e perspectivas individuais.

Independente de sua configuração, a casa está ligada às quatro dimensões previamente destacadas: entorno, estrutura, cultura e afeto. Dessa forma, este livro-reportagem te convida a visitar sete famílias na Grande Florianópolis com diferentes composições de lares, dispostas de acordo com seu tema de maior destaque entre estas dimensões.

Embora, à primeira vista, as narrativas de Aciza e Jaci em Santo Antônio de Lisboa possam parecer nada ter em comum com a de Jéssica e Marina no Pantanal, ou com as de Tereza e Isaura no Alto da Caieira, e da mesma forma, as histórias de Lucas e Silvia no Rio Tavares, ou de Luciane e Robson no Rio Vermelho, possam parecer distintas, todas elas estão de fato interligadas pela certeza de que: **a casa é o berço do lar.**

Seja bem-vindo!

Entorno

Para além do âmbito coletivo e social que está implícito na sustentação ética do projeto de habitação, está também essa dimensão poética do habitar, da arte que te habita. Consiste em entender que a casa vai muito além do habitáculo reduzido entre quatro paredes.

Entender a habitação como abrigo e, esse abrigo constituído pelas cidades, as redes das cidades, pelo direito de ir e vir; não pelo confinamento entre quatro paredes, num habitáculo.

(DELIJAICOV, 2014)





CINCO DÉCADAS DE CONSTRUÇÃO

Em todas as paredes há as mãos de Aciza Souza, 80 anos, e Jaci da Silva, 83 anos, seja pelas mudanças estruturais que Jaci puxou daqui e dali para ampliar a sala, a cozinha ou um dos quartos para acomodar a chegada de um filho, seja pelos diversos quadros, pratos, e plantas pendurados que Aciza cuidadosamente elaborou ou posicionou. Sinais de uma casa que foi se constituindo pouco a pouco durante 54 anos, o mesmo tempo do casamento.

Aciza é atualmente uma das mais antigas moradoras de Santo Antônio de Lisboa, bairro histórico de Florianópolis e antiga comunidade de imigrantes açorianos.

Aos cinco anos ela se mudou com a família de Palhoça, cidade próxima a capital, para uma casinha provisória na praia do distrito. Seu pai comerciante, pedreiro e carpinteiro aos poucos foi construindo seu espaço e logo se mudaram para o casarão da esquina mais característica do bairro, em frente ao cartão postal da Igreja Nossa Senhora das Necessidades (1750), a poucos metros do mar.

Hoje a casa, ainda propriedade da família, acomoda o bar e restaurante Açores, mas no passado foi o lar onde Aciza comia peixe todos os dias e nadava com os maiôs que a mãe costurava a partir dos sacos das mercadorias do comércio da família.

Alguns quilômetros dali, morava Jaci, no bairro Cacupé, com sua família de pescadores. Aos 22 anos ele também se mudou para Santo Antônio e foi nos bailes e forrós da região que os dois se conheceram e começaram a namorar.

A estrada de chão, a poeira alta e a falta de horário de ônibus não impediram Aciza de concluir os estudos no curso Normal Regional, formação que a permitiu ministrar aulas para o primeiro ciclo do ensino. Depois, se formou no curso Normal, o que a capacitou para ensinar no ciclo ginásial do ensino secundário das escolas do estado. Isso a possibilitou comprar o terreno da casa do casal.

Na infância Jaci ia de canoa e ônibus do Cacupé até o centro e assim que conseguiu um emprego na área de nutrição do Hospital Governador Celso Ramos começaram a construir. Os materiais foram comprados aos poucos, equilibrando o dinheiro entre sair para dançar e investir na casa. A planta mista de madeira e alvenaria da Prefeitura foi adaptada com sugestões de ambos. E depois alterada algumas vezes ao longo dos anos também pelos dois. A água encanada veio da nascente da esquina através de negociação



com a proprietária do terreno. E a luz elétrica iluminou o bairro que antes era escuro e envolto de mato, mas mesmo assim seguro, com uma comunidade pequena onde todos se conheciam e se encontravam na frente da Igreja. Hoje o local ainda atrai a população e os turistas para a festa do Divino e para o tradicional carnaval de rua.

Depois de pouco mais de um ano, vieram os filhos a pedido de Jaci, Ricardo, 54 anos, Cláudio, 52 anos e Joyce, 45 anos. A casa grande ficou cheia. O que era cozinha virou quarto. O que era quintal virou cozinha **e até hoje é o local onde toda a família mais se reúne.** Onde os netos fazem uma “boquinha” com comida de vó depois da aula. Onde os filhos almoçam quando aparecem durante a semana, onde Jaci acompanha os jogos do Avaí.

Eu vi essa cidade crescer.

Aciza



Mas o cômodo favorito de Aciza é o quarto onde ficam seus materiais de artesanato. Lá ela divide seu tempo entre costuras, pinturas e crochês. As tarefas domésticas nunca foram do seu agrado e pesavam **a rotina tripla de ser mãe, trabalhar fora e dentro de casa**. Aposentada, quando não está imersa em suas criações se divide entre outras atividades: o grupo de idosos, as aulas de artesanato, a hidroginástica e a jardinagem.



ENTORNO



É o que eu mais gosto, mexer com planta.

Aciza

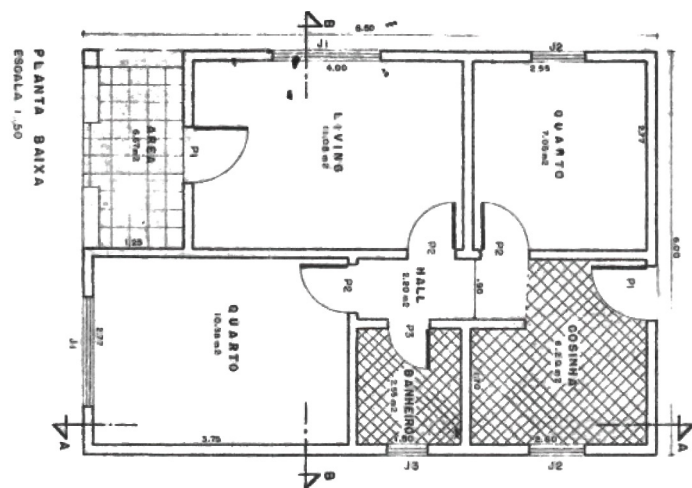
A casa de nove cômodos, mais piscina, jardim e quintal, entretanto, ainda exige muita manutenção. Por vezes, Aciza pensa em se mudar para a outra propriedade menor do casal. O tamanho e a quantidade de demandas a desmotivam e em breve irá contratar alguém para dividir as tarefas. Jaci, porém, não tem nenhuma intenção em se mudar. Aposentado há 30 anos, tem sua rotina de acordar cedo, cuidar do passarinho e seguir à risca o compromisso de jogar dominó toda quarta e sexta com os amigos na praça turística, Roldão da Rocha Pires.

ENTORNO



Ela quer ir para lá,
mas eu não quero.
Porque eu gosto daqui,
fica pertinho do mar.
Por ela a gente ia pra
outra, mas eu não vou.
Se quiser ir, vai.
Eu não vou.

Jaci



ENTORNO



Enquanto decidem sobre o futuro, **Aciza e Jaci aproveitam o que torna o lar atual verdadeiramente especial: a localização.** Onde conhecem todos os vizinhos, têm parentes próximos e contam com o apoio de médicos de confiança.

ENTORNO

UMA CASA SÓ DE MULHERES

O apartamento 302 em um dos dez blocos de condomínio nos arredores da Universidade Federal de Santa Catarina é uma casa só de mulheres. Casa de Jessica Gustafson, 36 anos e Marina Canesin, 29 anos há 3 anos e de Rita há 5 meses, quando chegou para reorganizar a vida, a rotina e os hábitos das duas professoras, que agora também são mães.

Não bastava a antiga moradia ser mais próxima do trabalho de Marina, nem o aluguel ser mais barato, tampouco era suficiente toda a estrutura do município São José no continente. Não era ali que elas se sentiam em casa. Faltava natureza, vizinhança, contato, espaço para cadela Lisbela correr e um ambiente seguro onde pudessem começar sua nova família longe de olhares juizes. **Foi bem na época das eleições de 2018 e tinha muita hostilidade no nosso prédio. A gente não se sentia acolhidas**, lembra Marina.

Na primeira visita ao apartamento, o espaço estava vazio, mas uma característica chamou atenção o suficiente para que elas sonhassem com a possibilidade de ali ser um futuro lar: as janelas. As grandes esquadrias que permitem um ambiente fresco, bem iluminado e em contato com o externo fizeram Jessica se imaginar segurando a filha nos braços enquanto amamentaria, mesmo bem antes de Rita nascer.

Com planejamento e ação, os ambientes ganharam novas caras. A sala recebeu o sofá vermelho veludo, xodó de Jessica, feito sob medida anos antes. Os livros foram posicionados na estante e a mesa de madeira maciça, escolhida entre tantas para acompa-



nhar a vida toda das duas, foi posta um pouco depois da entrada. A varanda ficou mais viva com plantas e a rede deu um toque de mais aconchego ao espaço. **Tudo ali se preparava para a chegada de Rita. A casa e as moradoras.**



Os seis meses de licença maternidade, combinados com o pedido de férias antes do nascimento da bebê, por parte de Marina, e o trabalho remoto de Jessica, permitiram que elas vivessem juntas toda a gestação da nova família.

Por decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) no dia 13 de março de 2024, mães não gestantes em união homoafetiva têm direito à *licença-maternidade. Se a gestante utilizar o benefício, a companheira tem direito ao mesmo período de licença-paternidade, hoje no Brasil de apenas cinco dias. Sendo Gêssica bolsista de pesquisa na Rede Brasileira de Mulheres Cientistas (RBMC), a organização comprometida com a promoção dos direitos femininos demonstrou grande compreensão em relação a essa fase e como forma de apoio cederam mais 10 dias a ela.

Agora o cômodo ao lado da sala é o quatinho de Rita e da bagunça, dois dos lugares onde mais ficam quando estão acordadas. E as tarefas são divididas igualmente por afinidades, enquanto uma limpa a outra cozinha, enquanto uma rega as plantas a outra higieniza o filtro de barro. **O equilíbrio de uma casa com duas mães.**

*A licença maternidade é um direito concedido às mulheres que estão grávidas ou acabaram de dar à luz ou são mães não gestantes em união homoafetiva, possibilitando que se ausentem do trabalho por um período para cuidar do seu bebê recém-nascido. Essa medida tem como objetivo assegurar o bem-estar tanto da mãe quanto do bebê nos primeiros meses após o nascimento. No Brasil, a legislação estipula que a licença maternidade deve ter duração mínima de 120 dias, podendo ser prolongada em situações específicas. (SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL, 2024)



Os dias são quase todos iguais, mas longe de serem monótonos. Acordam cedo, tomam café juntas e entre 7h e 7h30 levam Rita para passear. Diferente das mães, bem caseiras, a filha já dá sinais com choros, gritinhos e agitação quando quer sair de casa. Basta passar da porta que ela já abre um sorriso e se acalma.

ENTORNO

Na hora do almoço se reúnem de novo à mesa. Por vezes, Jessica prefere ir durante as tardes para a Universidade. Separar o ambiente de trabalho e de lar a ajuda na concentração e a flexibilidade quanto aos horários e obrigações permitem isso.

A rotina noturna começa às 18h com a redução da luminosidade para a bebe se acalmar para o banho e depois para dormir. Jessica, que fez indução a lactação, amamenta entre os cochilos, enquanto Marina, quem gestou, amamenta para alimentação.

Quando Rita dorme é o momento das duas prepararem algo para comer, programa que sempre gostaram de fazer juntas. Para compensar o sono picado de 2h em 2h pelas sonecas da neném, elas também se preparam para repousar logo após o jantar. Jessica, encontrou neste momento uma forma de estar com a filha e praticar um passatempo só seu, a leitura. Este é o período de maior silêncio no ambiente, uma brecha em meio ao dia agitado.

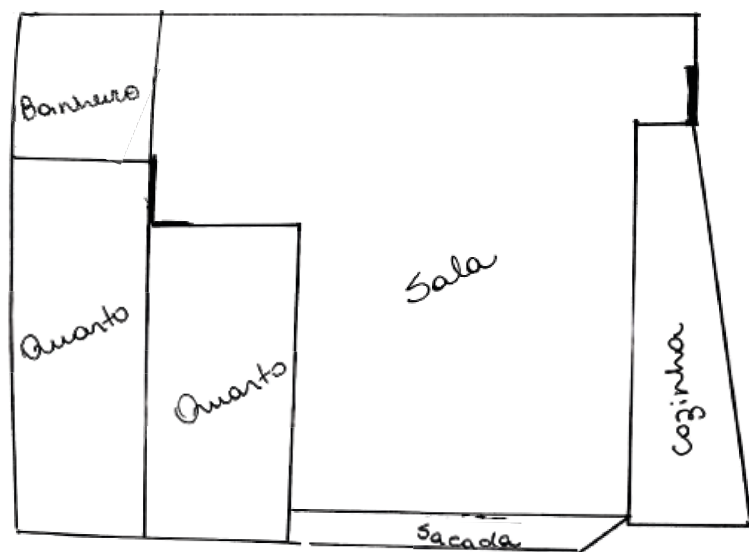
Eu sou uma pessoa muito silenciosa. Com a Rita, já tem essa bagunça constante, que me tira muito da zona de conforto. É uma coisa também que eu vou aprender: ter uma relação com a casa mais barulhenta. Mas mais alegre também.

Jessica



Assim como o vínculo das duas com o apartamento alugado tem um caráter transitório, a organização dos dias também são impactadas conforme as fases que as três vão vivendo. No futuro, quando a licença maternidade de Marina terminar e o contrato de trabalho de Jessica chegar ao fim, elas planejam reorganizar suas responsabilidades e consideram a possibilidade de matricular a filha em uma creche.

Mas por hora, aproveitam o apê e os ambientes comuns em família. O jardim com varal coletivo onde passeiam com Lisbella, recebem alimentos colhidos da horta e correm para secar as roupas em dias de sol, o contato com diversos vizinhos e crianças do condomínio que vão se tornando amigos, a atenção do zelador que se preocupa em sempre ajudar quando preciso, evitando que homens desconhecidos entrem na casa. E todo o entorno que faz dali uma verdadeira convivência de bairro, interativa e tranquila.



ENTORNO

Estar a apenas cinco minutos a pé da Universidade também aumenta a sensação de segurança. A presença de pessoas mais esclarecidas quanto aos direitos contemporâneos permite uma identificação maior com a comunidade. No próprio condomínio, há uma diversidade significativa de pessoas LGBTQIAP+ e todos convivem em um ambiente de respeito mútuo.

Por essas razões, mesmo após o reajuste no valor do aluguel, elas decidiram renovar o contrato por mais três anos. Embora haja uma coisinha aqui e ali que gostariam de fazer caso fosse uma propriedade própria, as qualidades do local superam essas restrições.

Para elas, lar é onde se sentem seguras.

É o lugar que eu me sinto bem. Acho que essa sensação de segurança é o mais importante de ter sempre.

Marina





SEU MORRO, SEU LAR

Em 29 de dezembro de 1999 eu comecei a luta da comunidade. Tereza Ribeiro, 73 anos, lembra da chegada no Alto da Caieira, um dos mais de 16 complexos que compõem o Maciço Central do Morro da Cruz. Área historicamente ocupada por população de baixa renda.

Natural do Rio Grande do Sul, Tereza visitava três dos seis filhos em Florianópolis quando sua casa pegou fogo. Ela perdeu tudo. O pouco que tinha deixou pra trás, o terreno e a escritura.

Sempre ativa nas comunidades onde morou, seja pelos serviços voluntários ou em ações da igreja, não demorou muito para encontrar lugar na luta e no morro. Comprou o primeiro terreno na ilha por R\$ 300 e por iniciativa própria caminhou até a Igreja Nossa Senhora Aparecida numa tarde de sábado para conversar com o principal representante do local, Padre Vilson Groh. Fundador do Instituto Pe. Vilson Groh (IVG), entidade sem fins lucrativos que trabalha no desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens das comunidades periféricas da Grande Florianópolis.

E foi de reunião em reunião todo domingo às 17h que ela contribuiu para erguer mais uma comunidade, sendo essa, a terceira de sua história.

Primeiro arrecadaram dinheiro com comerciantes e moradores do bairro para finalizar a construção da Igreja Nossa Senhora Aparecida, de lona para madeira e de madeira para alvenaria. Ao redor, era mato, mato alto. Chão de lama e poeira por todos os lados e os caminhos traçados a pé.



Em 2003 formaram a associação de moradores, com liderança alternada a cada três anos. E dali pra cá começaram a planejar as coisas.

Água? Não tinha água. Apenas um poço onde todos usavam, com água grossa, amarela e empoeirada. **Um dia eu fui na casa de uma mulher lá em cima, tava ela e a criança chorando, ela disse assim: Dona Tereza, não tem água para nada e hoje nem tem quem ir lá buscar para mim. Eu tenho que tomar, pra dar leite para as crianças,** recorda Tereza.

**Aquilo me ferveu o sangue!
Eu falei pro Padre:
Vamos na luta da água.**

Tereza

ENTORNO

Pela falta de regularização dos terrenos ocupados, enfrentaram resistência da Companhia Catarinense de Águas e Saneamento (CASAN). Que cedeu depois de muito esforço, ordem para cada morador poder comprar sua mangueira e passar água do Morro da Cruz a Caiera. O que resultou em muita discórdia e briga de quase morte entre os moradores por essa divisão. Apenas em 2007, após muita luta da comunidade, chegou a água encanada.

Luz elétrica. Tinha, mas para poucos. Tereza foi a Celesc, mas um poste entre os anos 2000, segundo ela, custava R\$ 5.000. Até hoje no morro, um ou outro paga luz, a maioria usa gato.



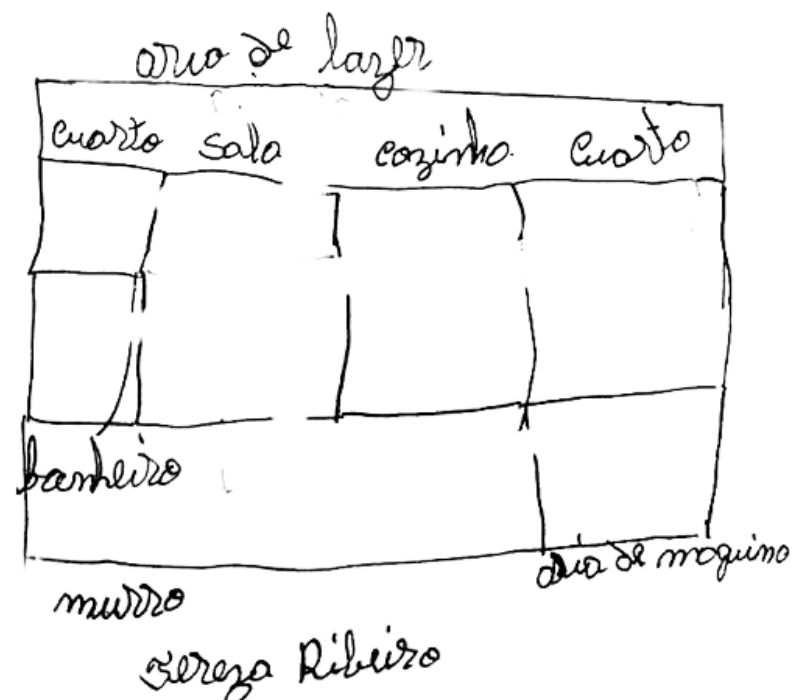
Em 2009, ela assumiu a liderança na associação de moradores e trabalhou ativamente para criação do posto de saúde e da creche. Na época, trabalhava como doméstica em casas de outras famílias, mas o esforço diário de cuidar da sua moradia, manter as responsabilidades com a comunidade, tomar conta da filha mais nova Nelza de Lima, 50 anos, que possui deficiência intelectual, e subir e descer o morro para trabalhar fora 48 horas semanais, a doeu. Ela foi forçada a parar de trabalhar, aposentando-se por invalidez e afastando-se das ações do bairro.

A creche foi inaugurada tempos depois, **mas o posto de saúde ainda é a principal luta dos moradores.**



No dia 10 de maio de 2024, 24 anos após Tereza se mudar para Florianópolis, ela pagou a última parcela para obter a escritura de sua casa, de dois quartos, sala, cozinha, banheiro, área externa e um morro gigante de 2,1 milhões de área total que ela chama de lar.

Seu companheiro, João José Corrêa, 81 anos, que conheceu através de um programa de rádio há 11 anos, possui um apartamento no bairro do centro, mas é no CEP da Caiara que eles gostam de estar. Onde o ônibus da Associação de Pais e Alunos dos Excepcionais (APAE) busca Nelza duas vezes por semana, onde dividem as tarefas domésticas e onde aguardam felizes a construção de uma churrasqueira.



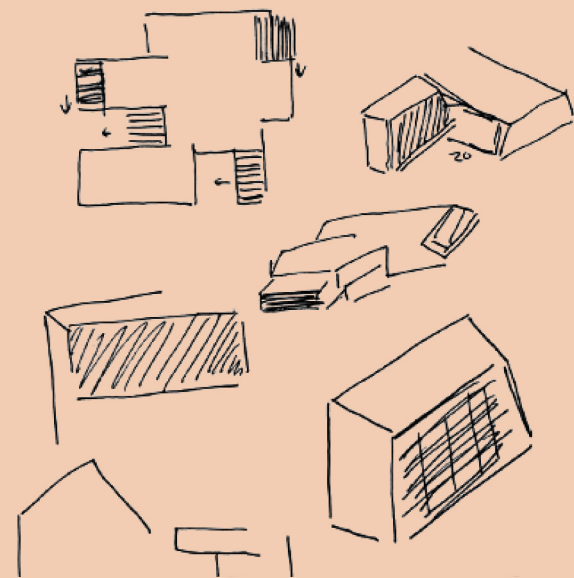
ENTORNO



Planejam ficar, mas sabem que um dia podem não conseguir subir mais o morro. Tereza já tem dificuldade de locomoção e sente dores ao andar, mas resiste à mudança para o apartamento.

No passado, em seu primeiro casamento ter sido privada de entrar na própria casa pelo ex-marido alcoólatra, celebra hoje: **Eu amo a minha casa. Eu quero viver na minha casa. Casa é o cantinho que a gente tem pra viver.**

ENTORNO



Estrutura

A casa seria então uma edificação recém-construída, vazia, com seus muros imaculados, faltando a ela a vitalidade oriunda de seus futuros habitantes. Projetar uma casa é antecipar uma distribuição espacial que possibilite um uso adequado, um lar na verdadeira concepção onde está presente o elemento fundamental da formação do caráter e da personalidade, aceitando-se que as recordações recônditas da vida em família prenda-se ao ambiente em que se vive.

(MIGUEL, 2002)



UM PROJETO DE SEIS ANOS

A casa de Lucas Dias, 42 anos, e Karin de Souza, 46 anos, no bairro Rio Tavares, está entre os 18% de moradias brasileiras que foram construídas por profissionais tecnicamente habilitados (Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil, 2022). A união entre um arquiteto e uma engenheira civil deu origem a um filho, Kaio, 7 anos, e também ao projeto da Casa Bambuzal, há 10 anos.

O espaço logo revela o porquê do apelido. O terreno de 390m² e 171m² de área construída conta com diversas malhas de bambu no quintal, além de outras tantas árvores estrategicamente preservadas durante o processo de obra, que levou um ano e 10 meses.

A ideia surgiu de uma experiência de Lucas na competição internacional Solar Decathlon Europe (SDE), em Madri, na Espanha, em 2012. Em equipe, ele ajudou na criação de uma casa planejada para ser energeticamente sustentável, transportada até a capital espanhola em contêineres e montada em apenas sete dias.

O experimento de levantar uma casa muito complexa com uma equipe muito inexperiente deu a confiança necessária para ele iniciar o processo de pensar a sua.

Compraram o terreno em 2014 e iniciaram o projeto em seguida. Foram anos pensando na produção de uma residência de energia zero, capaz de atender às próprias demandas energéticas sem depender do fornecimento externo de energia elétrica.

O plano levou algum tempo para ser executado, a barreira financeira era o principal fator para viabilizar o projeto, ao ponto de



abandonarem por um tempo a ideia, que só foi retomada graças a contribuição dos pais de Lucas para a compra dos primeiros materiais.

Se não construíssemos naquele momento, a gente, muito provavelmente, não conseguiria construir essa casa. Sairia muito do orçamento, relata Lucas. Com o auxílio de uma equipe dedicada de três bioconstrutores, optaram pela terra, madeira e pedra em oposição ao vidro, concreto e aço.

As paredes externas são de painéis frigoríficos e polycarbonato, para obtenção de luz e para a proteção contra a umidade local, material que também pode ser limpo, diferente do reboco. As paredes internas foram feitas de pau a pique, tramadas com fibra e bambu, retirados do próprio quintal. Elas também regulam a umidade e fornecem um controle térmico para o espaço, localizado em uma área onde o sol se põe mais cedo devido ao Morro do Lampião.



Tudo estrategicamente pensado para proteger a estrutura interna da residência, composta por 12m³ de madeira cambará e conexões metálicas, feitas in loco durante a obra.

Na linha de cumeeira a ideia foi gerar ventilação. Quando instalarem os painéis fotovoltaicos, esse efeito chaminé, que também regula toda a parte térmica da casa, proporcionará que no inverno, o espaço fechado vire uma espécie de estufa e no verão com pequenas aberturas a casa fique ventilada. Os quartos foram posicionados pensando também nessa circulação do ar, com o uso de forro, tornam-se espaços isolados que consomem menos energia para resfriar ou aquecer.

ESTRUTURA



Algumas ideias faziam parte da idealização do local, como o pé direito alto para Karin praticar tecido, o espaço para yoga e um lugar para andar de skate dentro da casa. Outras ideias foram decididas durante o próprio processo, que naturalmente foi marcado por divergências entre o casal, que passava também por uma pandemia.



Além disso, todos os sistemas hidráulico e elétrico são acessíveis para facilitar a manutenção em caso de qualquer necessidade. **Não teve muito uma preocupação, no início, de fazer uma arquitetura que chama-se a atenção. Nunca foi esse o objetivo. Foram uma sucessão de decisões de projeto,** revela Lucas.

ESTRUTURA



ESTRUTURA

Fizeram a mudança para a casa nova em quatro de agosto de 2022, véspera do aniversário de Lucas, que desejava muito passar seu dia como morador do local. O quarto ainda não tinha teto, não existia deck e nem algumas portas. Os acabamentos foram feitos aos poucos e continuam acontecendo nos dois quartos, dois banheiros, sala, cozinha e lavanderia. Por escolha, os banheiros são compartilhados, não há suítes, toda casa é integrada em um equilíbrio entre a escala individual e coletiva para que os moradores se encontrem e se vejam.



A gente tá em um país onde mais de 80% constrói sem arquiteto. Qual é a nossa função dentro dessa bagunça aqui? Porque a gente tá perdendo como arquitetos, o discurso praticamente. A gente está trabalhando para menos de 20% da população

Lucas



Depois de 10 anos de elaboração, entender a arquitetura como algo colaborativo, faz sentido para Lucas. A Casa Bambuzal possui vários autores, muito embora, ele tenha coordenado sua execução. A participação ativa no desenvolvimento da obra, também fez com que o arquiteto respeitasse ainda mais os construtores. **Não é um mundo de fadas. Construir a própria casa, não é simples. Eu gosto, mas eu sou professor, não sou construtor. É importante a gente ter noção dos nossos limites**, reconhece Lucas.

ESTRUTURA



UMA CASA PRÓPRIA, FEITA COM AS PRÓPRIAS MÃOS

Esse foi o tempo que levou para Robson Cazao, 44 anos, levantar uma casa para ele, Luciane Lukacheski, 40 anos e seus gêmeos, Guilherme e Gustavo, 17 anos.

Sem nenhuma experiência anterior e movido pelo objetivo da casa própria, ele e a esposa toparam o desafio de se mudarem em 1 mês, de uma casa alugada que pagavam R\$ 2.200 para um lote vazio com parcela de R\$ 1.000 o terreno.

A vinda da família do Rio Grande do Sul para Florianópolis em 2011 aconteceu graças a vários encaixes. O primeiro foi uma oportunidade de emprego. Um conhecido da mãe de Luciane que morava na Ilha ofereceu uma vaga para Robson trabalhar como taxista. Ele que trabalhava na área resistia à mudança, fazia pouco mais de um ano que tinham financiado uma casa. **Eu disse: eu só vou para lá se o serviço cair no meu colo**, lembra Robson. Pois caiu. Movidos pela busca por mais segurança e tempo de qualidade com os filhos, aceitaram a proposta com algumas condições e passaram a residência que estavam pagando para o tio de Robson. Luciane trabalhava como manicure e antes de se mudar também conseguiu a transferência de emprego para um salão próximo ao novo trabalho do marido. Em um mês e meio estavam empregados na capital catarinense.

De início, moraram com a mãe de Luciane no norte da Ilha, onde matricularam os gêmeos em uma creche particular. O plano era encontrar uma casa para alugar ou uma kitnet temporária enquanto procuravam um espaço perto do trabalho de ambos,

na região central da cidade. Não demorou muito e as oportunidades continuaram a surgir. Conversando com uma cliente, Luciane decidiu tentar uma creche pública para os meninos nos bairros Itacurubi, Córrego Grande e Trindade. Uma semana depois da tentativa, os meninos foram chamados para iniciar as aulas no Córrego na segunda-feira seguinte. O casal passou aquele final de semana que antecedia o começo das aulas procurando casa. Na última rua, encontraram uma residência mobiliada que estava para alugar somente para famílias, no outro dia começaram a mudança.

Passaram um ano ali, depois se mudaram para uma casa maior, sem móveis, que ficava mais próxima da escola dos meninos. Eles recebiam dinheiro diariamente e semanalmente, que separavam para mobiliar aos poucos o novo lar, exceto durante a semana do aluguel, quando todo o dinheiro ia para esse fim.

Ali ficaram por mais quase 5 anos, até a casa ser invadida pela segunda vez. Luciane passava os fins de semana com os filhos na casa da mãe, enquanto o marido trabalhava. Em uma das voltas, sozinha com Guilherme e Gustavo ainda crianças reparou que a casa havia sido invadida. **Desmotivou bastante a gente ficar lá, porque os meninos ficaram muito assustados. Eles chegavam em casa e tentavam ver pelo vidro, se não tinha ninguém lá dentro. Fiquei bem tensa, causa um desamor assim,** rememora Luciane.

Em busca de segurança, se mudaram para um apartamento. Depois para uma casa com a sogra de Robson durante um ano, no bairro Ingleses.

Para acabar com o aluguel, procuraram o programa Minha Casa Minha Vida. Financeiramente era viável, mas pela distância das residências, que ficavam no município de Palhoça, Luciane teria que trocar de emprego e os gêmeos ficariam muito longe



das escolas. Salete, a avó materna dos meninos, então sugeriu dar entrada em um terreno no Rio Vermelho, onde há 8 anos atrás ainda havia pouca construção e muito mato e dunas nos arredores.

Foi quando Robson, com o auxílio do companheiro de Salete que tinha certa noção de carpintaria, levantou uma casa nos fundos do terreno recém-comprado, em apenas 17 dias. A estrutura de tábuas de caixaria levou pouco mais de duas semanas para ser feita, um mês e meio pra ter banheiro e foi lar da família durante 3 anos. Luciane lembra: **Eu falava para os meninos: aqui não tem banheiro, tem que ir na escola. Não tinha o que fazer, né? a gente tomava banho só na casa da mãe.**

Robson havia saído de seu último emprego e recebido um valor de seguro. Considerando as possibilidades, acharam mais viável aproveitar a nova flexibilidade de tempo para que

ele aprendesse a construir uma casa de alvenaria. E assim foi: aos poucos, com muita pesquisa e vídeos no *YouTube*, que ao longo de três anos ele ergueu a atual casa da família no terreno compartilhado com a mãe de Luciane. **A gente sabe o valor disso, foi um momento muito especial quando conseguimos ir para aquela casinha, chegava no final da noite e a gente dormia com a cabeça tranquila, porque se acontecesse alguma coisa, a casa era nossa**, recorda com alegria Luciane.

Os meninos acompanhavam cada conquista. Vibraram com a criação da escada (orgulho de Robson), quando pintaram a casinha de verde e quando passaram a primeira noite no espaço que só tinha colchão, na virada de 2017 para 2018.

Essa foi a primeira vez que eu construí

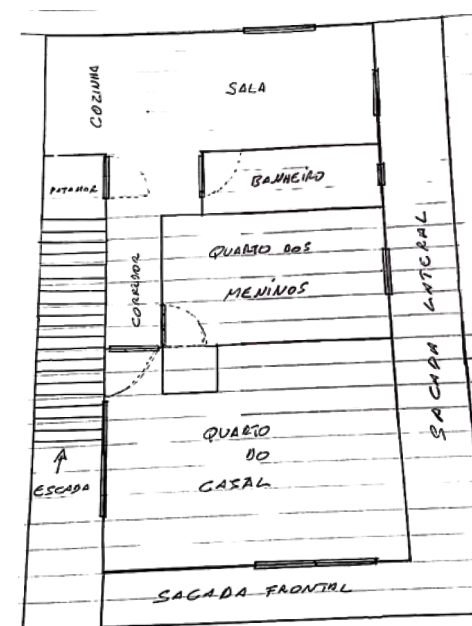
Robson



O som das betoneiras no bairro aos finais de semana denunciavam que por ali existem outras tantas famílias que constroem suas próprias casas, assim como Luciane e Robson. Eles acompanham felizes toda essa movimentação, **porque sabem o que significa essa conquista.**



Não tem noção do quanto a gente lutou para isso.
Luciane



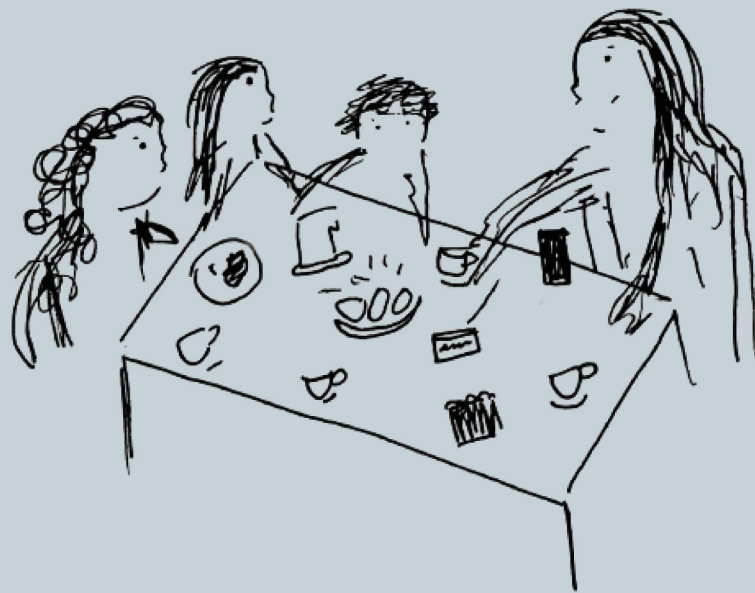
Aos poucos tudo que eles sonhavam sentados na cadeira de praia na varanda, foi se concretizando. O sistema hidráulico e elétrico foi feito, o banheiro finalizado como Luciane queria e a sala ocupada todos os fins de tarde às 18h30 para o café sagrado em família, local onde todos se reúnem para contar sobre seu dia. Hábitos que o casal não tinha na infância, mas que valorizam muito hoje: estarem em casa em família.

ENTORNO

Cultura

A habitação representa muito mais que um simples núcleo territorial. Ela é mais que uma simples ordenação espacial, significa uma entidade complexa que define e é definida por conjuntos de fatores arquitetônicos, culturais, econômicos, sócio-demográficos, psicológicos e políticos que mudam durante o curso do tempo.

(LAWRENCE, 1990)





MÃE DE TRÊS GERAÇÕES

Mãe dos irmãos, mãe dos filhos e agora, mãe dos netos. Isaura da Rosa, 62 anos, é mãe há 54 anos.

Terceira filha de uma linhagem de catorze, Isaura nasceu em Bom Jesus, Rio Grande do Sul, e se mudou com os pais e irmãos para Santa Catarina quando tinha entre oito e nove anos, à procura de uma vida melhor. O primeiro trabalho começou em casa, cuidando dos irmãos mais novos e das atividades domésticas de uma residência que não tinha luz e nem banheiro. Aos 12 começou o segundo emprego, finalizou seus estudos no primário e conciliou as responsabilidades em casa com as demandas da serralheria de seu pai. Como a filha mais velha mulher, acompanhou de perto a criação dos irmãos e teve que lidar com o luto de alguns deles ainda muito nova.

Não tive infância. Quando tinha meus 12 anos já tinha responsabilidade porque se o meu pai não estava no trabalho, era eu que ficava no lugar dele, era eu que determinava pra meu irmão, vamos fazer assim, revisita Isaura. Dos 15 aos 20 anos exerceu a primeira atividade remunerada, doméstica em casas de família. Se casou e teve seu primeiro filho aos 20 anos, com 24 veio a segunda e 28 a terceira. Só aos 26 anos voltou a receber salário, mas em nenhum desses anos, desde que iniciou a trabalhar, deixou de trabalhar.

Isso porque em casa e na vida do casal, era ela que assumia grande parte das responsabilidades, pela criação das crianças, a busca de novas oportunidades de emprego para o marido, a

garantia da alimentação de todos, pelo cuidado com a moradia, pela maternidade, a paternidade, enfim, tudo.

Na esperança de ter um lar mais acolhedor e poder contar com a contribuição do esposo para as necessidades, conseguiu emprego para o casal em uma fazenda. Não demorou muito e eles se mudaram novamente, e depois mais algumas vezes. Ou porque ele estava descontente com o lugar, ou porque não era mais bem-vindo. A dependência dele ao álcool contribuía diretamente para um comportamento agressivo e afetava sua capacidade de manter um emprego estável, o que por sua vez impactava na instabilidade financeira e estrutural da família.

Apesar de tudo, Isaura gostava de estar em casa. Limpar o espaço, enfeitar uma coisinha aqui, outra ali, fazer crochê e pintar um pano de louça. O maior prazer era fazer uma pipoquinha e se reunir com os filhos para uma refeição. Sonhava em ter um companheiro do lado nesses momentos.

Entretanto, após um episódio entre o ex-marido e o gerente da fazenda, que resultou no julgamento e prisão do então cônjuge de Isaura, ele passou 1 ano e 10 meses na prisão. Em todo esse período Isaura o visitava regularmente nos fins de semana, acompanhada dos filhos. Ao fim da pena em regime semiaberto, fugiram com as crianças do interior do estado para Florianópolis em 1992, **deixando todo o bem que tinham para trás: a casa própria.**

Eu sempre fui o homem e a mulher da casa.

Isaura

CULTURAL



Fotografia: Ana Carolina Gouvêa



Fotografia: Ana Carolina Gouvêa

Chegando na Ilha Isaura tomou a iniciativa de encontrar moradia alugada no bairro Córrego Grande, mas ainda insistiu na busca por um terreno para voltar a realizar o sonho de ter o próprio lar. Em um dia a caminho do centro, ela avistou de longe a comunidade da Caieira do Saco dos Limões e sentiu que ali podia ser o local ideal. Subiu as escadarias do bairro com o ex-marido, e de boca em boca chegou até o senhor que a vendeu um lote por R\$ 30. Em alguns dias aplainaram a área, puxaram arame para ninguém ocupar, contrataram um carpinteiro e a casa estava de pé, graças a estrutura de madeira e a Isaura que sustentava o esposo, os filhos e a si mesma com R\$ 400 por mês.

O casamento que na lei findou em 2012 já passava por instabilidade desde o princípio. Mesmo morando em uma ilha, nunca foram juntos à praia com os filhos, não trocavam conversas a dois sobre como havia sido o dia, nem havia equilíbrio nas responsabilidades.

A separação foi difícil, com resistência do ex-marido. Isaura trabalhava como doméstica em período integral para garantir o sustento da família, enquanto os filhos passavam parte do tempo com ele, resultando em uma dinâmica na qual obedeciam e escutavam mais o pai. Após o divórcio, Isaura ficou com a guarda das crianças, que muitas vezes se viam sozinhas em casa e, com o passar dos dias, começaram a se envolver com pessoas do bairro.

Aos catorze anos a filha do meio de Isaura saiu de casa para morar com o namorado e retornou tempos depois quando engravidou. Passados dois anos veio a segunda filha e, depois, o terceiro filho. Por uma série de complicações de saúde, advinda do uso de drogas, a filha do meio de Isaura, faleceu. A criação dos netos ficou para a matriarca, com auxílio da filha mais nova, a quem os sobrinhos chamam de mãe. Os progenitores das crian-



Fotografia: Ana Carolina Gouvêa



ças não participaram e não participam da educação e das despesas dos filhos. Um deles está proibido judicialmente por medida protetiva de chegar perto das adolescentes.

Isaura foi contra tudo para ter seu terceiro neto em casa. Contra as probabilidades financeiras de poder sustentar mais uma criança, contra o tempo de poder se dedicar a mais uma educação, contra comentários de seus patrões que julgavam a decisão de lutar pela guarda do pequeno, tendo a guarda das meninas mais velhas. **Minha patroa dizia para mim agir pela razão e não pela emoção. Queria dizer que nós os pobres num geral não nos planejavam, pensavam só no agora. Egoísmo da parte deles porque eles tinham a sua família bem estruturada, sua casa, seu carro, os seus filhos tudo ali junto com eles. Para eles o sentimento dos outros não importava, né?**, reflete Isaura. Mesmo com um cenário desfavorável, com a ajuda de uma

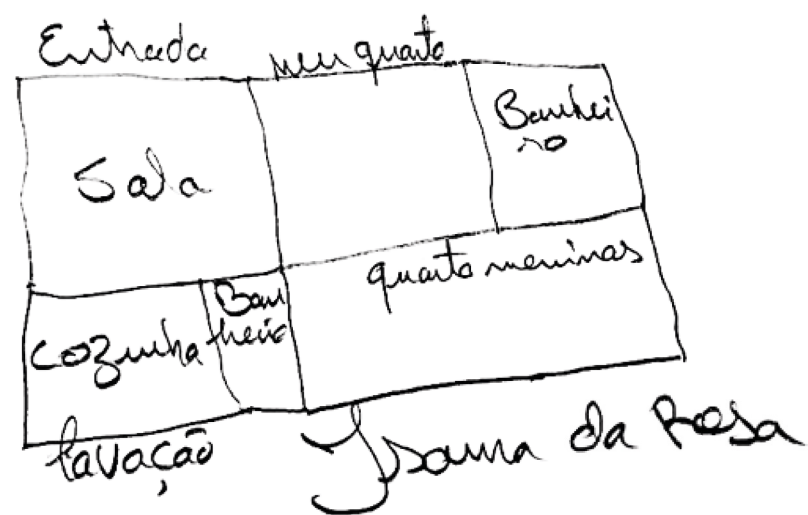
advogada do governo ela separou a folha corrida, atestou sanidade física e mental, gerou um holerite, ajustou a rotina para comparecer às audiências marcadas as segundas-feiras durante a tarde, no meio do horário de trabalho, quando por vezes pegava até carona com o carro de pet shop no caminho para estar a tempo no compromisso.

Era uma sexta-feira quando ela recebeu a notícia por ligação de que tinha conseguido a guarda provisória do neto e que precisava retirá-lo no mesmo dia. Naquela tarde correu com todos os seus afazeres, trabalhou até às 17h, fez parte do trajeto de 18 km de ônibus do bairro Sambaqui até o Centro, enfrentou o trânsito, desceu do ônibus e pegou determinada um táxi até a Vara da Família, 10 minutos antes do local fechar. Com os documentos em mãos, foi novamente de ônibus até o Rio Vermelho, onde desceu do terminal e com a ajuda de uma amiga convocada



por ligação, caminharam até o local onde estava o bebê de 9 meses. Quando chegaram no morro da Caiara do Saco dos Limões passava das 23h, mas todos estavam ansiosos para ver o menino. Tudo para terem a presença do pequeno no Natal. Para Isaura, essa é a razão pela qual **sua casa hoje é um lar: seus netos**. Com quem ela divide a residência de dois quartos, sala, cozinha, banheiro, edícula e um quintal.

Sentada no sofá, ela planeja rebocar a estrutura, fazer da construção da frente sua lavanderia e aos poucos melhorar o espaço onde conhece a vizinhança, se sente segura e escolheu envelhecer.



Agora que eu tô podendo curtir minha casa, eu nunca pude curtir porque era só trabalhar, trabalhar, trabalhar. Meus filhos não tiveram o dom que eles estão tendo de me ter em casa, de ter uma comidinha pronta, um cafézinho.

Isaura



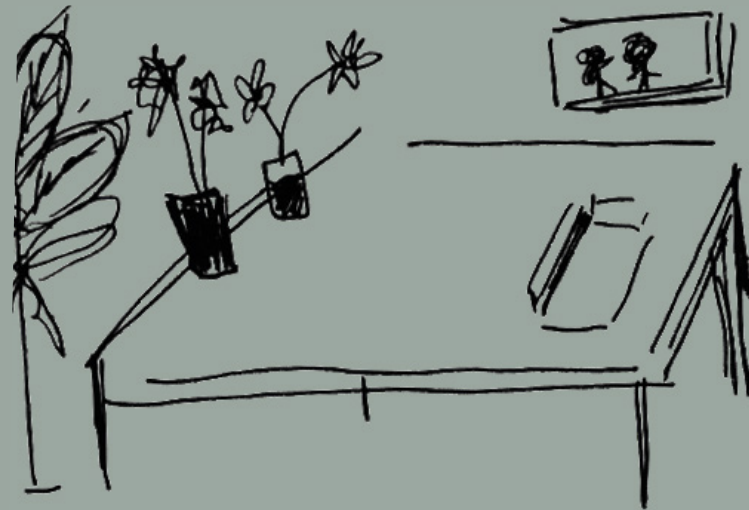
Fotografia: Ana Carolina Gouvêa

Afastada do trabalho por questões de saúde, aguarda a aposentadoria após anos de contribuição e conta com a ajuda de participantes da igreja, do colégio particular filantrópico que conquistou para os netos, de conhecidos e de sua filha mais nova para complementar a renda do auxílio financeiro do Governo, pelo programa “Mais Social” de variação entre R\$ 300 e R\$ 450, incluindo auxílio gás. **Tenho muito orgulho de lembrar do que eu passei até chegar aqui. Do conforto que eu consegui dar para eles. Me sinto uma vencedora, não completamente né? Mas em vista do que às vezes muitos vivem por aí, que não conseguiram ter a estrutura que eu consegui ter aqui, tudo porque eu fui atrás e me esforcei pra conquistar as pessoas para valorizarem o meu trabalho. Sou uma sobrevivente,** destaca Isaura com firmeza.

Afetiva

Não somente nossas lembranças, como também nossos esquecimentos estão “alojados”. Nosso inconsciente está “alojado”. Nossa alma é uma morada. E lembrando-nos das “casas”, dos “apostos”, aprendemos a “morar” em nós mesmos. Já podemos ver que as imagens da casa caminham nos dois sentidos: estão em nós tanto quanto estamos nelas.

(BACHELARD, 2008)





BOSQUE DAS LIBÉLULAS

Bosque das libélulas é como Silvia Vianna chama sua casa imersa por um jardim onde aparecem as mais coloridas libélulas, no bairro Rio Tavares. Aos 60 anos, a ligação entre ela e a natureza vem de uma infância livre, com origem de fazenda no interior do Paraná, local da primeira memória de vida, quando aproveitava os dias e só retornava para o lar no momento que o sol baixava no horizonte, combinado que tinha com a mãe.

A família se concentrava em Curitiba, onde viveu a segunda parte da vida, a adolescência. A chegada em Florianópolis aconteceu anos depois, casada e com duas filhas, com a transferência do trabalho do ex-marido. A oportunidade de criar as meninas em uma cidade menor atraiu o casal, que aceitou a proposta. Moraram algum tempo na Beira Mar Norte, até Silvia se apaixonar pelo Ribeirão da Ilha. Não sossegou até encontrar uma propriedade de aluguel próxima ao mar com uma mata exuberante, que a conectava novamente com suas raízes na natureza.

Os acessos há vinte anos atrás, entretanto, eram limitados. Não havia estradas e o deslocamento para as necessidades de trabalho, ensino, saúde e alimentação foram pesando. Somado a isso, a recepção da nova família pela comunidade também sofreu resistência dos moradores locais, que não aceitavam no espaço pessoas de fora. **Perceberam meu viés ambientalista. Pintavam suas canoas com tinta a óleo, depois limpavam os pincéis nas pedras em frente à minha casa, como se estivessem marcando território**, conta Silvia. Apesar de gostarem da casa e até conside-

rarem a compra, os seis anos foram marcados também por uma dinâmica alerta e conflituosa que combinou com o período de separação do casal. A relação com a casa então ficou desconfortável e foi somente quando o casamento chegou ao fim que decidiram se mudar, cada um para seu novo espaço. Por vezes, Silvia ainda volta à região para almoçar, mas até hoje não se sente bem.

A boa receptividade no mercado catariense à sua confecção têxtil permitiu que mais tarde conquistasse seu apartamento na Beira-Mar. É onde passa grande parte do tempo e representa para ela um marco de quando conseguiu se reerguer e comprar um imóvel: **Eu, Silvia, colocar minhas filhas em uma casa própria, tem essa simbologia.**

Ela, independente do contexto de vida, sempre buscou fazer de sua residência um lugar aconchegante, mas a “pulguinha” de querer voltar a ter contato com o mato e com a terra, entretanto, permanecia ali. **Eu tenho uma relação que chega até ser meio visceral com a casa, sou muito dedicada ao ambiente,** confessa ela. E foi em um festival de cinema em 2016, movida por essa paixão, que ela comentou com um amigo seu desejo de comprar um novo espaço. Ele, por acaso, tinha um terreno com vegetação densa disponível para venda no bairro Rio Tavares. Combinaram a visita. **Para Silva, ver o espaço foi como amor à primeira vista.**



Pegou parte de suas economias e ferramentas de jardinagem, comprou o lote e começou cuidando do jardim, enquanto aguardava a liberação para construir. Para facilitar as idas à praia, pensou em criar uma estrutura só para passar as noites e contratou um conhecido para ajudá-la a concretizar esse plano: um habilidoso carpinteiro que fazia casinhas de bonecas.

A casa foi aparecendo de forma orgânica, com Silvia observando o que precisava ser feito aqui e ali. Ampliando o quartinho 3x4 de ferramentas, comprando materiais, protegendo as laterais com véu de mosquiteiro e investindo tempo e energia para criação do espaço. A segurança de não ter a necessidade de se mudar, fez do processo algo leve e natural. E também muito autêntico.

As janelas da casinha viraram bancadas, a estrutura que não tinha parede, ganhou vidraças com vista para o jardim, a sala dois balanços e cada cantinho uma arte. Por estar



em uma área de vala, no pé do Morro do Lampião, no Rio Tavares, alguns cuidados também foram tomados, com um alto investimento em drenos subterrâneos e um sistema hidráulico eficiente. **Ela me mantém jovem. A minha função com ela, além dessa relação amorosa, é porque ela tem uma demanda que não me obriga, mas me incentiva a ser ativa,**

AFETIVA

o movimento da cidade que a propriedade na Beira-Mar proporciona. Quando está lá, acorda sem horário, sai para caminhadas, maratona séries e se diverte também. Mas é na casinha que ela constrói pouco a pouco e mora do começo de outubro até o domingo de Páscoa em abril, que ela se sente viva.

E onde também, se identifica com uma rotina mais saudável. Acorda com os passarinhos, toma café da manhã tranquila, faz feira, se alimenta melhor, passa a tarde cuidando do jardim, tem sua turma de amigos, e principalmente: tira mais tempo para se reconectar. Sua principal ideia com o espaço, é proporcionar o mesmo para todos que entram ali, algum tempo de paz.

Apesar de ser um refúgio pessoal, tanto que apenas a filha mais velha tem a chave, Silvia sabe que não é a única no ambiente. Antes, costumava avistar com frequência uma variedade de animais em seu

diz Silvia. E é levantando galhos e mexendo na terra que ela topa o desafio de ter menos conforto do que em seu apartamento e ser feliz tanto ou mais.

Viver em dois ambientes tão diferentes também proporciona coisas diferentes. Seu lado urbano gosta dos acessos aos restaurantes, da facilidade do comércio e da proximidade com

AFETIVA

quintal: lagartos, tucanos, gambás, cotias e, é claro, libélulas. E sempre prezou pelo respeito ao habitat de cada um desses seres. Acredita que ações de uma cultura extrativista de outras pessoas do entorno, reduziram a presença dos bichos no local. Ela, no entanto, resiste com planos como o de ampliar as plantas nativas e fazer o restauro da mata secundária. Conta também com a ajuda de três jardineiros para a demanda que uma casa imersa na natureza exige.

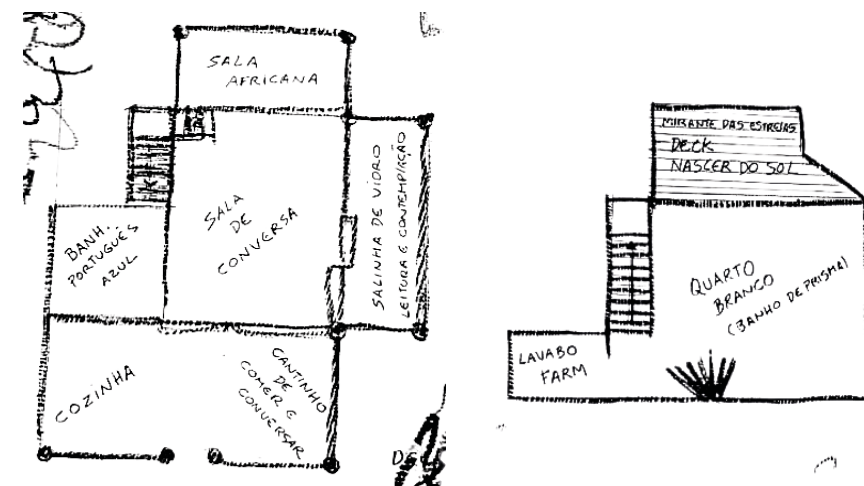
É onde eu penso em mim.

Silvia



AFETIVA

Desde criança, Silvia brincava de desenhar plantas baixas de cidades, cada uma com um estilo e chegou até a cursar alguns semestres de arquitetura. Agora se realiza construindo cada cantinho do lar. Por vezes, se apoia na janela do quarto e olha de cima a vegetação como uma pintura e pensa onde precisa de mais cor e cuidado. Espalha pedras entre as plantas, dá um toque com artesanatos pendurados e coleciona objetos que contam sua história de vida. E brinca, que alguns comprem roupas, ela investe em sua moradia. Para ela: **É uma simbiose. Eu converso com a casa. Quando eu saio daqui, digo: querida, eu já volto, fica bem.**





Para mim, casa é ninho.
Não é um território no
sentido de posse, é de
proteção mesmo.

Silvia



A “casinha” e Silvia se preparam agora para começar uma série de reformas que adequarão o espaço para no futuro se tornar a residência oficial. A ampliação do teto direito da cozinha, a instalação de ar condicionado e a nivelção do piso fazem parte do plano. **É ali que ela pensa em envelhecer e ao mesmo tempo permanecer jovem.**

Agora aproveita o tempo viajando, visitando a família em Curitiba e pegando na enxada quando necessário. Manter duas casas, além de caro, também exige muita manutenção. Por isso, pensa em alugar o apartamento quando fizer a mudança de moradia de vez, mas por hora vive seus dois lares.

AFETIVA

Créditos das fotografias

pp. 4, 5, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 56, 57, 58, 59, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71 e 74: Fernando Willadino, Florianópolis, 2024.

pp. 77, 78, 79, 80, 81, 83: Ana Carolina Gouvêa, Florianópolis, 2024.

p. 86: Lucas Gouvêa, São José dos Campos, 2024.

Referências bibliográficas

BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. 5. ed. [S.L.]: Wmf Martins Fontes, 2008. 242 p.

BELANDI, Caio; BRITTO, Vinícius. Amapá, Piauí, Rondônia e Pará tinham menos de 30% dos seus domicílios urbanos conectados à rede de esgoto em 2022. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37179-amapa-piaui-rondonia-e-para-tinham-menos-de-30-dos-seus-domicilios-urbanos-conectados-a-rede-de-esgoto-em-2022>. Acesso em: 18 abr. 2024.

CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL. PESQUISA DATAFOLHA: 82% DAS MORADIAS DO PAÍS SÃO FEITAS SEM ARQUITETOS OU ENGENHEIROS. 2022. Disponível em: <https://caubr.gov.br/pesquisa-datafolha-82-das-moradias-do-pais-sao-feitas-sem-arquitetos-ou-engenheiros/>. Acesso em: 30 abr. 2024.

DAMIÃO, Carlos. Ocupação do Maciço do Morro da Cruz começou no século 18: região concentra 16 comunidades. historicamente, os morros foram as únicas opções de moradia das populações pobres. Região concentra 16 comunidades. Historicamente, os morros foram as únicas opções de moradia das populações pobres. 2017. Disponível em: <https://ndmais.com.br/noticias/ocupacao-do-macico-do-morro-da-cruz-comecou-no-seculo-18/>. Acesso em: 26 abr. 2024.

DELIJAICOV, Alexandre. Habitação: ética e projeto. *Contraste*, São Paulo, v. 3, p. 58-65, 2014.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. População em situação de rua supera 281,4 mil pessoas no Brasil: estimativa divulgada pelo Ipea aponta crescimento de 38% desse segmento, durante a pandemia de covid-19. Estimativa divulgada pelo Ipea aponta crescimento de 38% desse segmento, durante a pandemia de Covid-19. 2023. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/13457-populacao-em-situacao-de-rua-supera-281-4-mil-pessoas-no-brasil>. Acesso em: 26 abr. 2024.

LAWRENCE, Roderick J.. The qualitative aspects of housing: a synthesis. *Batiment International, Building Research And Practice*, [S.L.], v. 18, n. 2, p. 121-125, mar. 1990. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/01823329008727023>.

MIGUEL, Jorge Marão Carnielo. Casa e lar: a essência da arquitetura. *Arquitextos*, São Paulo, ano 03, n. 029.11, Vitruvius, out. 2002 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.029/746>>.

QUINTOANDAR. Censo de Moradia. Disponível em: <https://censo-demoradia.quintoandar.com.br/>. Acesso em: 03 jun. 2024.

Supremo Tribunal Federal. Mãe não gestante em união homoafetiva tem direito à licença-maternidade, decide STF: decisão do plenário considera a proteção constitucional à maternidade e à infância. Decisão do Plenário considera a proteção constitucional à maternidade e à infância. 2024. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=529322&ori=1>. Acesso em: 26 abr. 2024.



Minha casa

Esse foi o lar em que cresci. Onde dei os primeiros passos, inventei brincadeiras com meus irmãos, comemorei dezoito aniversários, ri até chorar com a minha mãe e tive longas conversas à mesa com meu pai durante o café, almoço e jantar. Ajudei a montar a árvore de Natal todos os anos, estudei para provas importantes, aprendi a admirar arte e a pintar, tomei gosto por poesia, assisti aos meus filmes favoritos em família na salinha de TV, brinquei de bola e de Polly, cuidei do jardim, perdi algumas vezes no dominó e agradei pela benção de um lar tranquilo.

Acompanhei a garra dos meus pais para que seus filhos tivessem uma boa educação e vibrei com cada conquista nossa: a nova pintura da entrada, a churrasqueira, a reforma na área gourmet. Ali entendi a importância de pensar no coletivo e de dar valor às pequenas grandes coisas.

**É para onde
eu sempre volto**

Ana Carolina Gouvêa

Agradecimentos

Mãe, obrigada por ser a minha raiz, por ser meu apoio, por me evocar força e brio, por cuidar da nossa família e por ser a minha primeira casa.

Pai, obrigada por me ensinar resiliência, honestidade, calma e fé. Sua presença sempre me lembra que vale a pena se dedicar para quem a gente ama.

Matheus, obrigada por ser meu primeiro amigo, por me apresentar Floripa e por sempre - sempre - estar comigo desde que nasci.

Lucas, obrigada por chegar. Nosso ninho recebeu um banho de amor quando soubemos da sua vinda.

Duda, você é bem mais que cunhada e amiga, é minha irmã. Obrigada por acompanhar página por página do desenvolvimento do livro e da minha vida.

Ana Luísa, Amanda, Júlia e Nathalia, vocês moram no meu coração. A vida sorriu para mim quando planejou o nosso

encontro. Sei que vocês são da UFSC para a vida.

Luiz Felipe, obrigada por tornar esse ciclo leve. Ter sua amizade me faz sentir em casa.

Fernando, obrigada por fazer bem mais do que fotografar. Agradeço cada carona, cada conversa, cada café. Que este processo tenha feito bem para sua alma, como você esperava; você contribuiu para que fizesse bem para a minha.

Locatelli, obrigada por guiar minhas ideias e por se sensibilizar com o tema desde o começo. Foi e é uma honra aprender contigo.

Por fim, Aciza, Jaci, Jessica, Marina, Tereza, Lucas, Luciane, Robson, Isaura e Silvia, obrigada por abrirem as portas para mim, por acreditarem no meu trabalho, me receberem e me confiarem suas histórias e seu tempo. Esse livro também é de vocês.

Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica Ana Carolina Gouvêa Dias para o curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no semestre 2024-1. Orientado pelo Prof., Dr. Carlos Augusto Locatelli.



volte sempre



Visita: histórias brasileiras entre tetos e afetos

O que define uma casa? E o que a transforma em um lar? “Visita: histórias brasileiras entre tetos e afetos” apresenta estas questões através das vidas de sete famílias na Grande Florianópolis, mergulhando nas quatro dimensões intrínsecas na habitação: **entorno, estrutura, cultura e afeto.**

Os desafios da moradia no Brasil são imensos. Dados do IBGE e Ipea revelam um cenário de constante mudança na propriedade e segurança do lar.

Este livro destaca as histórias de Aciza e Jaci, Jéssica e Marina, Tereza, Isaura, Lucas, Sílvia e Luciane e Robson. Suas narrativas, embora distintas, estão entrelaçadas pela certeza de que a casa é, acima de tudo, o berço do lar.

Seja bem-vindo! Sinta-se em casa.

